

Fichamento do artigo:

Arte-Educação no Brasil. Realidade hoje e expectativas futuras.
Autora: Ana Mae Barbosa.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estud. av.**, São Paulo , v. 3, n. 7, p. 170-182. Dec. 1989.

Aluna: Bárbara Saeta Farinha.

O artigo “Arte-Educação no Brasil. Realidade hoje e expectativas futuras” da autora Ana Mae Barbosa publicado no ano de 1989 em Estudos Avançados na cidade de São Paulo trás principalmente a percepção da Ana Mae, através de pesquisas, a trajetória da história da arte-educação no Brasil iniciada oficialmente a partir de 1971 configurado na Lei Federal nº 5692 denominada “Diretrizes e Bases da Educação”.

Nesse currículo estabelecido na lei citada à cima as disciplinas de filosofia e história haviam sido eliminadas, portanto aparentemente a única matéria que poderia mostrar alguma abertura em relação às humanidades e ao trabalho criativo, era artes. Anteriormente à esse reconhecimento, desde 1948 fora das universidades um movimento ativo já tentava se desenvolver e trabalhar a auto-expressão de crianças e adolescentes, “Movimento Escolinha de Arte”.

Em 1983 a autora entrevistou 2.500 professores de artes de escolas da cidade de São Paulo para entender seus objetivos e estabelecerem metodologias no ensino de artes. Para maioria deles o desenvolvimento da criatividade era prioridade de seu ensino. Para os professores do seguimento das artes visuais, o conceito de criatividade estava atrelado à espontaneidade, autoliberação e originalidade, praticados através do desenho. Já para os professores da linha canto-coral, criatividade era definida como autoliberação e originalidade, pois a identificação da criatividade como espontaneidade era uma compreensão de senso comum.

Ana Mae trás uma leitura histórica essencial da época. No ano de 1983 o povo brasileiro estava sendo libertado de 19 anos de ditadura militar que reprimia a expressão individual através de bruscas censuras. No entanto é

comum que após regimes políticos repressores, como esse, a ansiedade de autoliberação domine as artes, a arte-educação e os conceitos ligados a ele.

A autora afirma que a apreciação e história da arte não têm espaço dentro das escolas, pois as únicas imagens observadas em sala de aula são as imagens dos livros didáticos, que nem toda criança tinha devido à falta de recurso. E mesmo assim a maioria delas só tinha acesso às imagens de TV, se não em casa em lugares com TV comunitária. Isso não se restringia para crianças de escola públicas, mas também em escolas particulares. A arte era ensinada sem oferecer a possibilidade de ver.

A ideia é que arte-educação esclarecida pode preparar os seres humanos, que são capazes de desenvolver sensibilidade e criatividade através da compreensão da arte durante suas vidas inteiras. Os cursos preparatórios dos professores da época eram baseados em conceitos de arte-educação como epistemologia da arte e/ou arte-educação como um intermediário entre arte e público.

Porém, mais de 50% dos professores daquela época segunda relata a autora, assim como os de artes, davam aulas e nunca leram nenhum livro sobre arte-educação e pensavam que arte na escola é colorir folhas com corações no Dia das Mães ou soldadinhos no Dia da Independência.

Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade, segundo Ana Mae. Ideias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão que desinfluncia e isola.

No decorrer do artigo a autora afirma e reafirma a importância na educação e a ideia do ensino da arte através de imagens. Segundo uma pesquisa realizada e observada as interpretações gráficas de obras de arte por crianças. No caso em que uma criança transformou uma escultura abstrata do artista em um pássaro, outra representou através do movimento da arte e não sua materialidade. Além da introdução a obra de arte, há a necessidade de iniciar as crianças na leitura de imagens e necessidade de informações históricas.

Segundo Ana Mae os professores de arte conseguiam os seus diplomas, mas eles eram incapazes de prover uma educação artística e estética que fornecesse informação histórica, compreensão de uma gramática visual e compreensão do fazer artístico como auto-expressão. A razão explícita dada pelos educadores é que a educação no Brasil tem de ser direcionada no sentido da recuperação de conteúdos e que arte não tem conteúdo. O caminho para sobreviver é tornar claro os possíveis conteúdos da arte na escola.

Ana Mae poderia dizer que o futuro da Arte-Educação no Brasil estava ligado a três propostas complementares: uma primeira proposta seria o reconhecimento da importância do estudo da imagem no ensino da arte em particular e na educação em geral. Segundo a autora a necessidade da capacidade de leitura de imagens poderia ser reforçada através de diferentes teorias da imagem e também da relação entre imagem e cognição.

Se não fosse bem conduzida poderia criar guetos culturais e manter os grupos amarrados aos códigos de sua própria cultura sem permitir a decodificação de outras culturas. Ana afirma os perigos de se enfatizar a falta de comunicação entre a cultura de classe alta e a popular tornando impossível a compreensão mútua. Para o grupo popular isto é ainda mais perigoso porque eles não teriam acesso ao código erudito que é o código dominante na nossa sociedade.

Teríamos no futuro a forte influência dos movimentos de arte comunitária na arte-educação formal. Aqueles movimentos superaram o perigo de negar a informação de nível mais elevado para a classe popular. Arte comunitária no Brasil é caracterizada pelo intercâmbio de classes sociais nos Festivais de Rua, comemorações regionais e nacionais, festas religiosas, etc. Instituições como a FUNARTE desenvolvem programas comunitários de arte (Projeto Fazendo Arte) numa escala de projeção nacional e a cada ano as Secretarias Estaduais da Cultura estão mais engajadas neste tipo de programas porque eles trazem votos nas eleições. Ana Mae afirma que o embasamento teórico e exame das práticas são necessários para o avanço da arte comunitária, evitando a manipulação, que pode transformá-la em simples auxiliar de campanha política.